

O ENSAIO DE VOZ AUTORAL FEMININA, NA CRÍTICA LITERÁRIA DE LÚCIA MIGUEL-PEREIRA (1931 – 1943)

DOI: 10.47677/gluks.v25i03.556

Recebido: 28/07/25

Aprovado: 19/01/26

PIOVESAN, Cleusa¹

A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da cultura, então temos que mudar nossa cultura.

(Chimamanda Ngozi Adichi)

RESUMO: Para falar da importância dos estudos críticos em literatura, principalmente, o ensaio, apoiamo-nos em Durão (2016), ao fazermos um recorte da obra crítica de Lúcia Miguel-Pereira (1992), “A leitora e seus personagens”, especialmente, o capítulo II – *Crítica Literária*, em um recorte de três ensaios em que a autora faz a abordagem sobre os conceitos de alguns autores sobre a produção romanesca do início do século XX. Analisamos, também, como a voz autoral de Miguel-Pereira se manifesta, diante dos preceitos do patriarcado, porque representa o pensamento invisibilizado das mulheres intelectuais da época, tendo como escopo teórico os estudos de Telles (2018), de Lerner (2019), de Floresta (2019) e de Perrot (2019), a fim de ressaltarmos a relevância de sua escrita, como precursora no universo literário da crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Literária, Lúcia Miguel-Pereira, *A leitora e seus personagens*, Voz autoral feminina.

Introdução

Para este ensaio acadêmico sobre a voz autoral feminina, invisibilizada nos espaços acadêmicos e literários, dominado pelos homens, até o início do século XX, uma vez que às mulheres a capacidade intelectual era relegada, optamos por analisar um recorte da obra *A leitora e seus personagens*, especialmente, o capítulo II – Crítica Literária, em que há três ensaios de Lúcia Miguel-Pereira, num subcapítulo intitulado *Sobre a crítica*, dos quais destacaremos algumas posições pertinentes ao que se destina esta análise sobre o espaço feminino, no que tange ao academicismo e atuação nos cânones literários, à época, cujas

¹ Mestra em Letras, pelo Programa ProfLetras, da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE) (2020); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), 2023 - 2027, da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: cleusapiovesan@hotmail.com

ideias e ideais estéticos, ao julgarem a produção literária, representavam, quase integralmente, a opinião e o pensamento masculino.

Ensaísta, biógrafa e crítica literária, Lúcia Miguel Pereira também integrou um grupo de mulheres escritoras, no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1950, porém suas obras romanescas são pouco conhecidas, e ela ganhou espaço no meio ensaístico, porque se propôs a avaliar obras de autores renovados à época.

Lúcia Miguel-Pereira, por sua condição social e pelo meio literário que frequentava, ao se propor a analisar e a avaliar o que os autores homens lançavam a público, uma vez que poucas mulheres tinham acesso ao saber letrado, tornou-se uma das precursoras da crítica feminina no Brasil. Sobre a formação do pensamento crítico, que a faz destacar-se entre os literatos da época, a própria autora (1992), destaca que

de par as misérias de que tanto nos queixamos, trouxe-nos o nosso tempo alguns bens, de que nunca falamos; e o maior é sem dúvida este de nos obrigar a refletir, a viver conscientemente; a reconhecer a estreita interdependência dos valores; a sentir a gravidade e a solidariedade das ideias; a ver que não existem divisões estanques entre a vida especulativa e a prática, que a coisa literária e a coisa pública se encontram e se confundem no seu grande plano comum: a coisa humana (Miguel-Pereira, 1992, p. 65).

Assim, falar de voz autoral feminina na crítica literária do início do século XX é entender que o espaço para as mulheres era limitado e delimitado pela sua posição social e, hoje, isso pode parecer incomum, uma vez que aos homens, sob os preceitos do sistema patriarcal, ainda vigentes, foi atribuído o pensamento lógico-racional, enquanto às mulheres, a instabilidade das emoções, os dotes domésticos, a maternidade. E, como afirma Perrot (2019, p. 97), hoje ainda, “recusam-se às mulheres as qualidades de abstração (as ciências matemáticas lhes seriam particularmente inacessíveis), de invenção, de síntese. Reconhecem para elas outras qualidades: intuição, sensibilidade, paciência”.

Lúcia Miguel-Pereira, no início do século XX, invade um espaço que não lhe pertence, ao propor-se à tarefa de crítica literária, e o faz mostrando conhecimento que lhe credencia a ocupar lugar de destaque entre as poucas mulheres que conseguiram se sobressair. Por estar em uma posição social privilegiada, com acesso não apenas à educação formal, mas pelo vínculo matrimonial com o advogado, e também escritor, Otávio Tarquínio de Sousa, e o convívio com autores renomados, ela se insere no canônico universo literário, primeiro como romancista, e depois como crítica literária, tecendo críticas ferrenhas, principalmente, aos autores homens, que a tornam conhecida nesse meio.

Às mulheres, o espaço público e intelectual era ocupado por uma minoria, com acesso ao saber letrado e de condições financeiras elevadas, uma vez que o ingresso das mulheres à educação formal, em colégios particulares, só ocorreu no final do séc. XIX, com restrição de conteúdos, porque era mais uma formação para aprimoramento de prendas domésticas como bordado e costura do que propriamente o conteúdo científico e filosófico a que os homens tinham acesso. Em sua obra *Opúsculo Humanitário*, coletânea de artigos sobre a educação e os direitos das mulheres, publicado pela primeira vez em 1953, Nísia Floresta (2019), uma das poucas mulheres, no Brasil, que se dedica à crítica ao sistema patriarcal, afirma que

o homem, ainda semisselvagem, arrogou a si a preeminência da força física; e tudo lhe foi submetido, a moral, assim como a inteligência da mulher, que ele quis permanecesse sempre inculta, para que mais facilmente desempenhasse a humilhante missão a que a destinava (Floresta, 2019, p. 20).

Subentende-se que essa missão seria estar preparada para assumir o papel social de esposa e de mãe, cuidadora da família e dos afazeres domésticos, sem almejar a realização de sonhos e de expressão de sua subjetividade. A ignorância do saber letrado a manteria submissa, uma vez que desconheceria as possibilidades intelectuais que poderia desenvolver e atuar como “sujeito social”, como cidadã. Como afirma Lerner (2019),

sempre houve uma pequena minoria de mulheres privilegiadas, em geral da elite dominante, que tinham acesso ao mesmo tipo de Educação de seus irmãos. Das fileiras dessas mulheres surgiram as intelectuais, as pensadoras, as escritoras, as artistas. Foram essas mulheres que, ao longo da história, tornaram-se capazes de nos dar uma perspectiva feminina, uma alternativa ao pensamento androcêntrico (Lerner, 2019, p. 274).

Ainda sob os pressupostos dos estudos das autoras Perrot e Lerner, compreendemos que ingressar no meio literário foi missão de mulheres que afrontaram o sistema patriarcal e assumiram sua identidade como “sujeitos sociais”, mulheres que compreendiam o contexto social de sua época à luz da razão, cônscias de que a igualdade de direitos era um direito pelo qual deveriam lutar, mesmo que com palavras. Como afirma Perrot (2019),

é através do romance que as mulheres ingressam na literatura. No último quartel do século XIX, as mulheres que escreviam folhetins: eram relativamente numerosas (na ordem de 20% na Inglaterra, mas apenas um pouco mais de 10% na França), graças principalmente aos periódicos femininos (Perrot, 2019, p 97/98).

No Brasil, todo esse contexto de mulheres nos espaços literários é marcado um número pouco expressivo, dado o contexto social e a condição da mulher, atrelada ao espaço doméstico. Entre essas mulheres, podemos destacar Nísia Floresta que, embora não tenha se dedicado à crítica literária, teve substancial importância ao questionar o sistema patriarcal e a condição do “lugar das mulheres” na sociedade. Tornando-se uma das vozes que questiona esse lugar pré determinado, Floresta (2019) conjectura sobre

o desejo ardente, que nos cala n’alma, de ver o nosso país colocado a par das nações progressistas, nos impõe a obrigação de franca e imparcialmente analisar a educação da mulher no Brasil, esperando excitar, com o nosso exemplo, penas mais hábeis que a nossa a escreverem sobre [...] Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país; por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarrigar herdados preconceitos, a fim de que uma tal metamorfose se opere (Floresta, 2019, p. 23).

Assim, na produção de crítica literária feminina da época, optamos por dar destaque, neste estudo, a Lúcia Miguel-Pereira, que também foi romancista, e escreveu as obras *Maria Luíza* e *Em surdina* (1933), *Amanhecer* (1938) e *Cabra cega* (1954), que a colocaram na berlinda da crítica literária masculina (subestimada como romancista), não apenas no Brasil, porque também vários críticos lisboetas fizeram análise de sua escrita. Lerner (2019) destaca que

essas mulheres, que foram aceitas no centro da atividade intelectual de sua época e em particular nos últimos 100 anos, mulheres com educação acadêmica, precisaram primeiro a prender "como pensar como um homem". No processo, muitas delas haviam internalizado tanto aquele aprendizado, que perderam a capacidade de conceber alternativas. Pensar de forma abstrata é definir com precisão, criar modelos da mente e generalizar com base neles. Tal pensamento, assim como nos ensinamos homens, devem se basear na exclusão de sentimentos (Lerner, 2019, p. 274).

Interessa-nos analisar a produção crítica de Lúcia Miguel-Pereira, sem desconsiderar que, embora rara, a participação de outras mulheres nos estudos literários foi silenciada e pagada da história oficial. Os ensaios e artigos da autora, compilados na obra *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931 – 1943)*, no recorte a que daremos ênfase, representam a potência intelectual da mulher da época, diante de sua exclusão no processo de emancipação.

A importância da autoria de crítica literária, no início do século XX

A fim de contextualizar a importância da postura crítica feminina, ressaltamos a importância que os ensaios e artigos tiveram para atribuir um “juízo de valor” ao que se produzia, e ainda se produz, em literatura. “A crítica literária não existe sem uma função social, por mais indireta que ela possa ser”; essa referência de Fábio Akcelrud Durão (2016, p. 11) abre a explanação que o autor faz sobre a importância da crítica literária, que não é apenas uma avaliação de um produto cultural, mas é a interação social a que ele se destina, a representação de um contexto e a importância que esse produto cultural possui para o meio que o produziu.

Como Lúcia Miguel-Pereira dedicou-se a tecer a crítica ensaística relacionado-a ao contexto social em que autores e obras estavam inseridos, e ela indagava-se, também, sobre particularidades de suas vidas, como se estas lhe fossem um laboratório de pesquisas em busca de resultados, e ressentia-se das críticas feitas a autoras mulheres que se dedicavam ao ensaio literário. Em artigo intitulado “Uma grande crítica”, publicado em 1957, em o *Correio da Manhã*, sobre o lançamento de um livro de Claude-Edmond de Magny, uma influente crítica literária, ensaísta e escritora francesa, Miguel-Pereira destaca que

é fora de dúvida que alguns preconceitos subsistem, e, como cada um (no caso cada uma) sente melhor o que mais de perto o toca, confesso não ouvir sem certa irritação dizer-se: " escreve como um homem", sempre que qualquer mulher revela outros dons além da sensibilidade da Graça, por todos os tidos como femininos (Miguel-Pereira, 1957).

E Miguel-Pereira complementa sua insatisfação destacando, nessa análise crítica, o olhar depreciativo da sociedade sobre as mulheres que adentraram o espaço da crítica literária ou da autoria de romances ou de poemas, que atinge também a ela mesma. Ela não faz apologia ao feminismo, porque lhe interessava a emancipação feminina, não o engajamento nas lutas dos movimentos em voga à época, e, no mesmo artigo, constata que a mulher,

se se arriscar pela literatura positiva, pelo ensaio, pela crítica, estará desrespeitando uma convenção tácita, invadindo domínios masculinos; não é expulsam, porém; ao contrário, acolhem a amavelmente, um pouco protetoramente, mas passam a considerá-la a pouco feminina, expressão ambígua, que tanto pode ser elogiosa como restritiva (Miguel-Pereira, 1957).

Miguel-Pereira entendia que os gêneros que contemplam a crítica literária dedicam-se a aprofundar a análise sobre um produto cultural e, mais especificamente, inserem-se na "arte

do pensar". E propôs-se a pensar seu objeto de estudo, a crítica literária, em todas as suas perspectivas, sem esgotar a análise, propondo ao interlocutor um preenchimento de lacunas, uma vez que a profundidade de um tema e a complexidade com que ele pode ser abordado não se faz num movimento de estática, e parece estagnar-se, mas, implicitamente, oculta nuances a serem investigadas e trazidas à luz da razão.

O crítico literário é, antes de tudo, um estudioso que se dedica a realizar abordagens inusitadas a respeito de um produto cultural, ampliando as possibilidades de reflexão e abrindo espaço para discussões sobre o teor da obra. Durão (2016, p. 17) salienta que “é difícil estar completamente aberto para aquilo que a obra quer dizer, porque o confronto com ela não se dá a partir do nada”, o que corrobora com a ideia de que há inúmeras possibilidades de abordar um produto cultural, a depender do enfoque que o ensaísta pretenda dar a ele.

Como reforça Durão (2016, p. 17) “o crítico precisa esforçar-se para fingir para si mesmo que não carrega pressupostos *a priori* de sua leitura do texto”, o que não é tarefa fácil, porque os discursos estão impregnados de significações empíricas e científicas, e a subjetividade do ensaísta tende a aparecer no texto.

Lúcia Miguel-Pereira; precursora da crítica literária no Brasil

Para fomentar maiores reflexões sobre o papel de um crítico literário, este estudo dedica-se a analisar a voz autoral feminina de Lúcia Miguel-Pereira que, como ensaísta, precursora nesse gênero textual, com sua erudição e em sua maneira peculiar de compreender a vida e a arte, tornou-se uma influente crítica literária, entre as décadas de 1920 e 1940, além de ter realizado importantes trabalhos como biógrafa e tradutora. A respeito da estética de uma obra literária, Pereira (1992), considerava que

sem dúvida é mister não esquecer de que literatura é arte, deve provocar uma emoção estética; mas essa emoção está cada vez menos ligada, para nós, a velha noção formalista de beleza; de melhor foi esta que evoluiu, e se libertou do enfeite; é produzida pelo equilíbrio entre o fundo e a forma; vem do conjunto, da harmonia global, e não do vocábulo retumbante e sonoro. Respeitamos demais a palavra, expressão da ideia, paravê-la desperdiçada, arredondando períodos (Miguel-Pereira, 1992, p. 66).

Para uma mulher, à época, demonstrar consciência crítica sobre qualquer questão já era motivo para críticas, uma vez que a sociedade patriarcal relegara sua atuação a atividades comezinhas, e uma mulher, com opinião formada, especificamente sobre as produções literárias, desestruturava o sistema de “dominação masculina” nos espaços públicos e, como

ressaltou Nísia Floresta (2019, p. 23), “é uma verdade incontestável que a educação da mulher muita influência teve sempre sobre a moralidade dos povos, e que o lugar, que ela ocupa entre eles é o barômetro que indica os progressos de sua civilização”. Lúcia Miguel-Pereira ocupou o lugar da mulher que expõe sua opinião, expondo-se também ao julgamento público.

Como salienta Perrot (2019, p. 408), “quando as mulheres aparecem nos espaços públicos, os observadores ficam desconcertados [...] Usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las”, diga-se, pejorativamente, como se não lhes fosse direito estar fora do círculo doméstico. Estar em um meio em que seu valor como crítica literária era questionado, constantemente, e firmar uma posição respeitada, destaca Lúcia Miguel-Pereira na vanguarda da atuação feminina, o que fez dela um modelo a ser seguido por outras mulheres que desejavam assumir sua identidade de sujeito “mulher”, em posição de igualdade com os homens.

Perrot (2019, p. 31) ainda questiona e responde “quais foram as *vias da escrita* para as mulheres nesse mundo proibido? De início, a religião e o imaginário: as vias místicas e literárias; a oração, a meditação, a poesia e o romance”. Na contramão de o que se esperava de uma mulher, sob a adjetivação de “pura, recatada e do lar”, e com o apoio do marido, Lúcia Miguel-Pereira, posiciona-se no espaço tipicamente masculino, no espaço da opinião, da argumentação, da defesa de seu ponto de vista, sob a alegação de que a subjetividade feminina interferiria em seus julgamentos, mas a autora deixa explícito o compromisso que tem em propor discussões pertinentes às obras que estudou e analisou, tanto de autores nacionais quanto de estrangeiros.

A respeito das divergências entre a avaliação ensaística escrita por homens e por mulheres, Lúcia Miguel-Pereira (1994, p. 100) pressupunha um sentido colaborativo, uma vez que considerava que o privilégio masculino nessas produções prejudicavam o “fazer literário”, e seu discurso versava pelo respeito, destacando “não a colaboração no sentido apenas de ambos poderem livremente escrever, mas noutro, de ordem psicológica; na aceitação; pelos homens, do espírito feminino, e pelas mulheres, do masculino”.

Lúcia Miguel-Pereira iniciou sua atividade na crítica literária, em 1931, na revista *Boletim de Ariel*; publicou diversos artigos de literatura; exerceu atividade crítica na *Gazeta de Notícias* e também colaborou intensamente no *Correio da Manhã* e na *Revista do Brasil*, de 1934 a 1935; colaborou ainda em *O Jornal* e *Lanterna Verde* recebeu alguns prêmios literários. Segundo Durão (2016), a partir do século XVIII,

os periódicos introduziram novos espaços de discussão crítica; multiplicaram e diversificaram as oportunidades de expressão; incentivaram novos valores, chamaram a atenção para novos gêneros literários e sistematizaram o tratamento daqueles já estabelecidos (Durão, 2016, p. 66).

Periódicos em revistas e jornais foram espaços de suma importância para as mulheres como Lúcia Miguel-Pereira, já com acesso à cultura letrada, para a divulgação de seus ensaios e artigos, analisando a produção literária de seu tempo, porque, mais do que se aventurarem na escrita, essas mulheres precisavam provar que tinham opiniões formadas e que eram tão capazes quanto os homens de avaliar e de tecer comentários pertinentes sobre a literatura em circulação.

Em ensaio publicado na Revista Anhembí, em 1954, intitulado “As mulheres na literatura brasileira”, Lúcia Miguel-Pereira usa como fonte uma pesquisa de Sílvio Romero, que deu origem à obra *História da literatura brasileira*, publicada em 1882, da qual a autora depreende que

nessa espécie de catedral barroca de nossa literatura onde, ao lado dos santos, se assim se pode dizer, das figuras de primeira plana, de valor incontestado, tiveram entrada carrancas e bonifrates, gente miúda, gente mais – ou menos – que secundária, só foram incluídas sete mulheres: Ângela do Amaral Rangel, Beatriz Francisca de Assis Brandão, sobrinha de Maria Joaquina Doroteia de Seixas, a doce Marilia das liras de Gonzaga, Delfina da Cunha, Nísia Floresta [...], Narcisa Amália, Maria Firmina Reis e Jesuína Serra. [...] E é tudo; nada mais achou a dizer a respeito de mulheres o mestre sergipano (1954, p. 18).

Considerando-se o contexto social das relações de gênero, do início do século XX, e a restrição a que as mulheres eram submetidas, bem como o desprezo por seu valor intelectual, as poucas mulheres que figuravam no meio literário não tiveram o merecido destaque, à época. E Lúcia Miguel-Pereira abriu espaço para outras mulheres também ocuparem seu lugar no universo da escrita e da crítica literária, porém, sua análise crítica esteve focada em obras produzidas por homens, dada a escassez e o ocultamento das produções de autoria feminina. Sobre o assunto, no mesmo ensaio, Miguel-Pereira afirma:

sintomática e tristíssima a situação das mulheres no Brasil colonial e imperial, dos preconceitos que as abafavam, dos quais dão testemunho tanto os romancistas que descreveram os costumes de seu tempo, como os escritores mais objetivos, cronistas, ensaístas, historiadores e, sobretudo, os estrangeiros que nos visitaram (Miguel-Pereira, 1954, p. 19).

Na posição de ensaísta, diante das condições adversas de seu universo literário, Lúcia Miguel-Pereira adentrou o espaço da crítica como uma experimentalista, uma investigadora que não se satisfez com um produto acabado. A reflexão sobre o espaço e o “lugar de fala” destinado às mulheres foi fomento à autora para desenvolver sua obra ensaística, com minuciosas observações, demarcando sua liberdade de expressão, mesmo limitada pelos preceitos do patriarcado.

O espaço da crítica literária de autoria feminina

Antes de prosseguirmos, teremos de nos ocupar um pouco dos espaços da mulher nas atividades literárias, como autoras ou como críticas literárias, desde o século XVIII, uma vez que as restrições impostas pelo sistema patriarcal deixaram no anonimato, por muito tempo, a figura feminina nas atividades fora do espaço doméstico. Como afirma Norma Telles (2018),

o discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal*. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura (Telles, 2018, p. 403).

As mulheres, como se pode perceber pelas palavras de Telles, tardiamente, adentraram o espaço literário e, tardiamente, ocuparam o espaço ensaístico, tendo de firmar-se num universo, exclusivamente, masculino, afrontando o que se estipulava, com normalidade, como espaço de saber e de cultura; era a hegemonia da dominação masculina, raramente questionada. As que se atreveram a quebrar o padrão, literalmente, “soltaram o verbo” e provaram o valor do intelecto feminino.

A ensaísta brasileira Lúcia Miguel-Pereira é uma mulher que esteve na vanguarda de sua época, perspicaz em suas análises literárias críticas que, com seus trabalhos publicados no início do século XX, mesmo não se aproveitando da “crista da onda” dos movimentos feministas, demarcou seu lugar na crítica literária, muito mais do que como romancista, profissão em que, também, as mulheres não eram bem aceitas, só tornando-se objeto de estudos aos críticos da atualidade.

Para demarcarmos a importância do gênero textual ensaio, faz-se necessário reconhecer que, desde os primeiros textos, ainda não considerados como um gênero

acadêmico, escrito por Michel Montaigne², esse gênero era produzido, essencialmente, por homens, considerados intelectualmente mais capazes, produtores de conhecimento, além de serem considerados os provedores da família. Em biografia de Montaigne, publicada por Diva Frazão³, em 26/02/21, ela cita que

em março de 1580, Michel de Montaigne publicou a primeira edição de “Ensaios”, constituída de dois livros divididos em 94 capítulos. Uma segunda edição foi publicada em 1582, e a terceira surgiu em 1588. [...] A obra estabeleceu o “ensaio” como um novo gênero literário, no qual o escritor faz reflexões pessoais e subjetivas sobre diversos temas, entre eles, a religião, a educação, amizade, amor, liberdade, guerra etc (2021).

Sendo o ensaio um gênero que estava despontando no universo literário, à época, mesmo entre os homens eram poucos os que se aventuravam a produzir o texto crítico sobre o texto de outro autor. Montaigne acaba por dar um corpus a esse gênero, ao definir que o ensaio terá um caráter ostensivo e definitivo para a adoção de um ponto de vista, ou seja, do lugar em que fala o ensaísta apresentará uma “avaliação” do objeto a ser analisado, demonstrando sua preocupação com o tema apresentado e suas representações. E Lúcia Miguel-Pereira se apropria desse gênero textual e utiliza-o para manifestar suas reflexões, conjecturas, idiossincrasias a respeito do fazer literário.

Assim, entendemos que o ensaio se torna um esforço para estender uma “ponte” entre o antes e o depois da organização do texto. O ensaísta remete-se à observação do objeto de estudo, por meio da observação da linguagem, consolidando uma nova forma de olhar para o texto, seja literário, filosófico, paradidático, enfim, todo texto é passível de uma análise ensaística.

Ao analisarmos as publicações de Lúcia Miguel-Pereira, podemos perceber o caminho percorrido pela autora, concebendo os conceitos de Montaigne para o gênero ensaio, gênero no qual se pode, também, perceber a perspicácia com que Lúcia Miguel-Pereira discorre sobre os mais variados temas, com a proficiência de quem estudou, tanto o gênero quanto o universo literário de sua época, trazendo ao público uma crítica consistente, um olhar apurado sobre as abordagens dadas pelos autores ao contexto social de produção dos discursos, que se apropriaram das vozes de personagens, muitas vezes, à margem da sociedade.

² Michel de Montaigne (1533-1592) foi um escritor, jurista, político e filósofo francês, o inventor do gênero ensaio. Foi considerado um dos maiores humanistas franceses.

³ https://www.ebiografia.com/michel_de_montaigne/

A crítica mordaz de Lúcia Miguel-Pereira, nos ensaios analisados

Lúcia Miguel-Pereira adentra os detalhes do texto, extraíndo de cada fragmento um viés incomum, firmando as características da subjetividade feminina em seus textos ensaísticos. Em ensaio denominado “Literatura e Sociedade”, publicando em 1946, na obra *Escritos da maturidade: seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959)*, Miguel-Pereira (1994, p. 91) afirma que o crítico “deve tentar compreender as diretrizes de cada autor, a contribuição de cada obra. Nessa compreensão está sua razão de ser”. E reforça sua opinião, (2005), defendendo que a avaliação de um crítico literário

deve ser induzir os leitores “a conhecer diretamente as obras de que trata. Impressionista ou científica, falhará à sua missão se não conseguir facilitar a compreensão, a aproximação dos criadores, ajudando a descobrir o que, numa leitura menos atenta, pode parecer ignorado” [...] resvalar para o pedantismo, poderá, ao contrário, dificultar o contato entre escritor e o público, o que redunda numa quase negação de si mesma (1994, p. 296).

A posição bem demarcada, a não neutralidade na obra dessa autora, com posicionamento crítico, expressividade de sua formação ideológica e discussões pertinentes sobre o que se produzia na literatura, no início do século XX, certamente, causou polêmicas. Em seu ensaio *O ofício de compreender* Pereira (1992), afirma e questiona:

as épocas de transição, como a nossa, são também, fatalmente épocas de revisão, de julgamento. Quando tudo ameaça ruir, o exame das bases se impõe; e a quem competirá senão à inteligência? Chamada assim a verificar, a escolher, a decidir, ela não pode ficar alheia às preocupações sociais; nos momentos de tranquilidade, consegue o espírito encerrar-se nas construções abstratas inteiramente desinteressadas; nas outras é invencivelmente atraído para fora, para a fricção áspera e vivificante da realidade. Graças a essa não se desumaniza, não perde contato com a vida (Miguel-Pereira, 1992, p. 65).

Pela postura crítica da autora ao contexto social em que estava inserida, percebemos seu comprometimento em deliberar sobre as questões e situações que se apresentavam controversas. A força do intelecto dessa mulher, com olhar sagaz e mente evoluída, trouxe outras perspectivas para a crítica literária de seu tempo, cônscia de que, como ela própria afirma (1992), a vida a obrigava a refletir e a

viver conscientemente; a reconhecer a estreita interdependência dos valores; a sentir a gravidade e a solidariedade das ideias; a ver que não existem divisões estanques entre a vida especulativa e ávida prática, que a coisa

literária e a coisa pública se encontram e se confundem no seu plano comum; a coisa humana (Miguel-Pereira, 1992, p. 65).

A análise crítica de Lúcia Miguel-Pereira não era sobre obras de menor importância entre os cânones da literatura brasileira, nem sobre a parca literatura feminina de algumas mulheres mais ousadas, como Júlia Lopes de Almeida, Florbela Espanca, Gilka Machado, Patrícia Galvão (Pagu), mulheres, suas contemporâneas, também precursoras na literatura feminina; há artigos e ensaios sobre as obras de ícones como Gonçalves Dias, Machado de Assis, Lima Barreto, Gilberto Freyre, Jorge Amado, entre outros, e também sobre autores estrangeiros.

A ausência de uma análise crítica de obras de mulheres nos ensaios e artigos de Lúcia Miguel-Pereira abre uma lacuna ao universo feminino na literatura, uma vez que ela poderia ter dado ênfase às obras de suas contemporâneas, possibilitando-lhes a visibilidade nos círculos literários, como autoras de romances e de poemas que começavam a mostrar a subjetividade feminina, e a contestar o espaço da mulher, naquele contexto social; um acervo cultural de grande valia, inclusive na literatura intimista e erótica, como se comprovou, posteriormente.

Por que uma mulher, na posição privilegiada em que Lúcia Miguel Pereira estava, não explorou a possibilidade de desvelar a subjetividade feminina, suas inquietações, seus desejos, seus sonhos, representados nas vozes sociais externadas em personagens ou no eu lírico de outras autoras? Raquel de Queiroz foi uma das poucas autoras a quem a ensaísta direcionou sua escrita crítica, o que nos sugere algumas conjecturas: teria ela poupar essas autoras da crítica masculina, não lhes pondo holofotes? Ou, ressentida pelas críticas depreciativas que recebera sobre sua obra romanesca, isentou-se de tecer julgamento sobre as obras de autoria feminina?

Destacamos apenas um recorte de o que foi a atuação de Lúcia Miguel-Pereira no universo da crítica literária, e de seu olhar peculiar, que demarca o quão seu senso de valoração é apurado, ao abordar vieses ideológicos e políticos, além do valor literário e cultural dos textos sobre os quais tecia a crítica. A respeito das obras de Jorge Amado e de Octávio de Faria, Miguel-Pereira (1992) salienta que

o sabor político das apelações dá bem a medida da interferência da coisa política na coisa literária; e o interesse crescente que vai despertando essa tomada de posição mostra, por sua vez, como é profunda a reação da segunda sobre a primeira. Inovadores como Jorge Amado, conservadores (no

sentido largo) como Octávio de Faria, quase todos se definem e são apreciados não somente por suas qualidades literárias, como ainda pelas suas convicções (Miguel-Pereira, 1992, p. 66).

Percebemos na posição analítica de Pereira uma crítica contumaz e bem contextualizada, apesar de esses autores já terem posições de prestígio bem demarcadas no cenário literário brasileiro. Pereira (1992) critica até mesmo os críticos literários de seu tempo, como por exemplo, no capítulo *Critica e controvérsia*, em que ela sabatina João Gaspar Simões, um lisboeta, novelista, dramaturgo, biógrafo, historiador da literatura portuguesa, ensaísta, memorialista, crítico literário, editor e tradutor português, como se pode perceber a seguir:

os estudos sobre o romance, por exemplo, suscitaram-me várias objeções. Aliás, o Sr. João Gaspar Simões não me parece muito à vontade no assunto. Dá a impressão de que não o conseguiu possuir inteiramente; ladeia questões, tateia, avança, recua, às vezes chega perto da verdade, como quando vê no romance “uma experiência dinamizada da vida” outras parece perder o rumo, como quando afirma que “o poeta parte do particular para o geral, o romancista do geral para o particular” (PEREIRA, 1992, p. 68 - 69).

A ousadia dessa mulher que tomou seu lugar na crítica literária brasileira extrapolou os limites demográficos, não poupando farpas ao avaliar o trabalho de ensaístas e articulistas literários, talvez, porque a crítica portuguesa, principalmente a lisboeta, também tenha lhe tecido severas críticas quanto a sua performance romanesca. Seus romances não foram considerados como literatura canônica e não a destacaram como romancista.

Fernando Pessoa também foi alvo dos estudos críticos e analíticos de Lúcia Miguel-Pereira. A ele ela teceu elogios e já reconhecia o valor de sua criação heteronômica e sua capacidade de transmutar-se em outros “eus”. A autora (1992) afirma que o Brasil deve conhecê-lo melhor, e diz que

a ideia central de sua estética, o *leit-motiv* que confere uma grande unidade aos diversos estudos enfeixados no volume. Daí a concluir, como de fato conclui, que a arte é inútil e nociva, só vai um passo – o que separa a estética da ética. Proclama-o o autor em diversos tons, de várias maneiras, e quer-me parecer que com uns ressaibos de revolta; mas proclama-o clara e redondamente (Miguel-Pereira, 1992, p.72).

Mesmo sendo um comentário positivo sobre a obra de Fernando Pessoa, com o qual ela parece concordar, Miguel-Pereira (1992, p. 72) questiona-se se, nas palavras do próprio autor, ao falar dos paradoxos e das contradições que a arte suscita, de sua instabilidade, o

autor não se contradiz ao afirmar que “o homem só pode ser feliz quando capaz de compreender que a verdadeira felicidade consiste em cada um não pensar exclusivamente em ser feliz...”.

Sobre Charles Dickens, outro ícone da literatura mundial, no capítulo *Vida, obra e leitura crítica*, Pereira (1992) faz a seguinte análise, após ter comparado outras críticas feitas ao autor:

a revolta que não raro empana a criação de Dickens; a sua tal ou qual simplificação dos tipos, ora inteiramente bons, ora inteiramente maus, pertencendo em regra às classes mais humildes os primeiros, à alta os segundos; o sadismo que se mistura ao humorismo – tudo isso é apontado à grandeza de seu gênio, da profundidade de seus romances de crítica social, ao alcance imenso de sua obra, e explicado pelas dramáticas circunstâncias de sua vida (Miguel-Pereira, 1992, p.72).

Notamos que, mesmo não sendo uma exímia romancista, como os críticos da época apontaram, Lúcia Miguel-Pereira tem potencial avaliativo e propõe reflexões bem pertinentes a respeito das publicações de romances de autores renomados. Ela vai além da análise do texto em si, aponta inferências à vida pessoal de Dickens, refletidas em seus personagens, o que demonstra que Pereira analisa um conjunto de fatores ao realizar a crítica literária, embasando suas opiniões de modo a deixar claro que estudou, profundamente, um autor e sua vida, antes de tecer comentários sobre sua literatura.

As primeiras mulheres letradas, do final do século XIX e início do século XX, que tiveram acesso ao mundo acadêmico tornaram-se, em sua maioria, professoras, uma extensão dos cuidados que dedicavam às crianças, em casa. O acesso ao mundo das artes literárias foi outra barreira que Lúcia Miguel-Pereira teve de enfrentar. Como destaca Perrot (2019),

as fronteiras sexuais das profissões se deslocam para um setor terciário em expansão que desenha o território dos empregados de hoje. O fato de as mulheres aí estarem presentes mostra o seu progresso na conquista dos saberes. Falta muito, no entanto, para ficarem em condição de igualdade na hierarquia das responsabilidades e dos poderes, inclusive no emprego público (Perrot, 2019, p. 128).

Um século depois de Pereira ter aberto caminho às mulheres no espaço da crítica literária, um dos nomes mais expressivo é Heloísa Buarque de Holanda, que é mais conhecida no meio acadêmico, não pelo público em geral, o que demonstra que esse campo, ainda, está restrito à opinião crítica das mulheres. Como uma mulher que vivia na cidade, Lúcia Miguel-Pereira encontrava-se em uma posição privilegiada, sendo filha do médico sanitário

Miguel da Silva Pereira e esposa do escritor Otávio Tarquínio de Sousa, tendo acesso à cultura que a maioria das mulheres, do proletariado, não tinha, porque, como ressalta Perrot (2019),

a cidade, representada como a perdição das moças e das mulheres, lhes permite, com frequência, libertar-se de tutelas familiares pesadas, de um horizonte de aldeia sem futuro. Conseguem modestas ascensões sociais, escapam a uniões arranjadas para realizarem casamentos por amor. A cidade é o risco, a aventura, mas também a ampliação do destino (Perrot , 2019, p. 128).

A ascensão ao mundo da cultura e da literatura descortinou o universo autoral a Lúcia Miguel-Pereira, pois teve melhores condições ao ingressá-lo por ser da elite, gozando de privilégios que poucas tiveram. Isso corroborou para que ela pudesse se posicionar perante a canônica crítica literária, restrita aos homens, e demonstrar que a mulher do início do século XX apenas reivindicava um espaço a que tinha direito, com ser social e ser “pensante”.

Para ressaltar a importância que os movimentos feministas tiveram no acesso as mulheres na vida pública e aos espaços acadêmicos, registrando, de fato, uma "história das mulheres", por possibilitar que muitas mulheres ocupassem seus lugares como "sujeitos sociais", e afrontassem todo um sistema de opressão e sub jugo a que as mulheres eram adestradas a aceitar. Perrot (2019) afirma que

o direito ao saber, não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente compartilhada das reivindicações. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a criação, o prazer. Essa reivindicação se acompanha de um imenso esforço de apropriação: leitura, escrita, acesso à instrução (Perrot, 2019, p. 159).

Não se pode negar que os movimentos feministas foram fundamentais para o despertar das mulheres, acomodadas às atividades comezinhas, para sua emancipação e apropriação do comando de suas vidas, embora ainda haja resquícios do patriarcado, na atualidade e, ainda, o espaço das mulheres na crítica literária é muito pequena.

Conclusão

O universo autoral feminino na crítica literária, ainda hoje, restringe-se ao “mundo dos homens”. Mesmo havendo grande número de mulheres não cursos de Mestrado e Doutorado,

mas elas ainda necessitam de afirmação intelectual e credibilidade e, se avaliarmos que, no início do século XX, esse universo apenas dava prenúncio de sair da esfera doméstica, a atuação crítica de Lúcia Miguel-Pereira é, de longe, uma quebra de paradigmas para a literatura de autoria feminina, não apenas na autoria de romances, mas também na ousadia da autora ao se propor à valoração das obras, produzidas, quase essencialmente, por homens.

Miguel-Pereira ocupa seu espaço como “sujeito social”, seu lugar de mulher intelectual, produtora de um objeto cultural que surgia com um gênero que começava a ganhar destaque na crítica literária: o ensaio, e firma-se como uma crítica literária que não se intimida diante dos grandes nomes da literatura de sua época.

O recorte que realizamos de apenas três ensaios não é suficiente para demarcar a importância de Miguel-Pereira para os cânones da literatura, mas já possibilita tecermos algumas avaliações sobre sua atuação, num meio em que as mulheres pouco se aventuravam, e a importância como ensaísta, permitindo-nos conhecer o pensamento de voz autoral feminina, na crítica literária do início do século XX, sobre a cultura letrada, sobre as produções literárias, quase exclusivamente masculinas.

Miguel-Pereira demonstra em seus escritos um senso crítico apurado, uma cultura letrada e um discernimento objetivo e conciso a respeito da produção cultural que circulava no meio literário. Uma vez que o espaço público era, quase essencialmente, masculino, além de Nísia Floresta, poucas mulheres se destacaram na crítica literária da época e, além disso, elas tinham que provar sua capacidade intelectual, por serem consideradas “frágeis” e emocionalmente “inconstantes”, com a escrita carregada de subjetividade.

Hoje, Lúcia Miguel-Pereira é referência a estudos acadêmicos aprofundados sobre o espaço autoral feminino, no escopo do sistema patriarcal, o qual manteve as mulheres atreladas a uma condição de inferiorização e de submissão intelectual; as mulheres que romperam a barreira do patriarcado registraram seu nome na “história das mulheres” na literatura, como o fez Lúcia Miguel-Pereira.

Referências

- DURÃO, Fabio Akcelrud. *O que é crítica literária?*. 1^a ed. – São Paulo: Nankim Editorial, ParáBOLA Editorial, 2016.
- FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*, prefácio Maria da Conceição Lima Alves ; notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares. – Brasília : Senado Federal, 2019.

- FRAZÃO, Diva. *Biografia de Michel de Montaigne*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/michel_de_montaigne/, acesso em 10/01/26.
- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *As mulheres na literatura brasileira*. Revista Anhembi, São Paulo, ano V, n. 49, v. 17, dez. 1954.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931 – 1943), e em livros* – prefácio Bernardo de Mendonça; pesquisa bibliográfica, seleção e notas, Lúcia Viégas. – Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Escritos da maturidade: seleta de textos publicados em periódicos (1944 - 1959)*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Uma grande crítica. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 de setembro 1957.
- PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*: [tradução Angela M. S. Corrêa]. 2^a ed., 6^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- TELLES, Norma. *Escritoras, Escritas, Escrituras* in Histórias das mulheres no Brasil, DEL PRIORI, Mary (org.) 10^a ed, 6^a reimpressão. São Paulo, Contexto, 2018.

THE FEMALE AUTHORICAL VOICE ESSAY, IN CRITICISM LITERARY BY LÚCIA MIGUEL-PEREIRA (1931 – 1943)

ABSTRACT: To talk about the importance of critical studies in literature, especially the essay, we base ourselves on Durão (2016), when we make an excerpt from the work of Lúcia Miguel-Pereira (1992), *The reader and her characters, especially*, chapter II – *Literary Criticism*, in a selection of three essays in which the author approaches the concepts of some authors about the novel production of the early twentieth century. We also analyzed how Miguel-Pereira's authorial voice manifests itself, in the face of the precepts of patriarchy, having as scope the studies of Telles (2018), of Lerner (2019), of Floresta (2019) and Perrot (2019), in order to emphasize the relevance of her writing, as a precursor in the universe literary criticism.

KEYWORDS: Literary Criticism, Lúcia Miguel-Pereira, *A leitora e seus personagens*, Voz Authorial voice.